

AFONSO CRUZ

b.l

x

JALAN
JALAN

y

a.l



COMPANHIA DAS LETRAS

GRANDE PRÊMIO DE
LITERATURA DE VIAGENS

MARIA ONDINA BRAGA

APE | C.M. DE BRAGA 2019

UMA LEITURA
DO MUNDO

Prefácio

A viagem é uma ponte para o desconhecido. Um encontro com o olhar estrangeiro, um olhar onde, afinal, fulge a mesma ânsia e que é turvado pelos mesmos medos que o nosso próprio olhar... Por um instante, é como se fôssemos nós, do outro lado do espelho.

Viajar só escava em nós um profundo poço. Se, por um lado, a profundidade que ressuma do quilate dessa solidão amplifica a intensidade da nossa percepção, por outro, aumenta a dimensão da «bagagem» interna que trazemos de torna-viagem. O regresso deste viajar, deste *Jalan jalan*, é como banharmo-nos numa cascata por onde se derrama uma cornucópia de sensações e saberes multicolores, de perguntas que nos acordam e clarividências que nos fazem sentir harmonias com outras dimensões.

O estado de disponibilidade intrínseca, que neste livro é descrito como um «voltar à infância» e como maneira de alcançar a maturidade, é uma forma de viajar nu de preconceitos e ao mesmo tempo em si próprio, inteiro. Para isso, é preciso ser-se capaz de um despojamento completo, qualidade apanágio dos grandes viajantes... Mais do que o olhar, é a visão lúcida e prenhe de humanidade que faz de Afonso Cruz um viajante de longo curso.

Em hindi, *Safarnama* significa escrever sobre viagens. A pulsão da viagem está intimamente ligada com o que de mais profundamente define o ser humano, a curiosidade e a busca de si mesmo. Viajar é levar a nossa solidão a passear... mas é, também, insuflar o nosso mundo com novos mundos...

Se é verdade que a viagem tem uma ligação profunda com o dia do regresso, o retorno nunca é uma linha fechada com o que foi. Este espiralar da consciência pode resultar do calcorrear de muitos caminhos e da imersão noutras culturas mas também pode advir da exploração das zonas «em branco» do nosso mapa interior,

um navegar por estados de alma. Lembro-me da grande viagem estática, patente na *Viagem à Volta do Meu Quarto* de Xavier de Maistre.

Contudo, a exegese desta obra está muito para além de um livro de viagens. Aqui há toda uma discussão cosmogónica, uma crítica vibrátil ao saber estabelecido, que tanto o pode reconstruir de forma mais sólida como o pode fazer vacilar de forma perigosa.

Este livro é um convite a pensarmos pela nossa própria cabeça, a avaliarmos a solidez dos argumentos que sustentam muito do que é considerado de «pedra e cal», é de um frescor e de uma pertinência avassaladores neste tempo em que o mundo enfrenta águas revoltas e sombrias. A importância do indivíduo na certificação do saber e o apelo à sua coragem para tudo entender constitui um exercício de cidadania e um retorno à matriz mais pura da democracia. Claro que dói entender o entretecer do espaço-tempo do Cosmos, aterroriza perdermos a noção de causalidade na Mecânica Quântica ou desorienta a forma diferente como infla o tempo em diversos sistemas, mas... «é pela ferida que entra a luz».

Se a abordagem universalista deste livro atesta a natureza múltipla e complexa do autor, esta viagem, pela mão de Afonso Cruz, é também a possibilidade de encontro com almas belas, como Rumi, Tanizaki, Borges e muitos, muitos outros, e com as pérolas de pensamento, de poesia, de humanidade... que a sensibilidade ou a argúcia do escritor desentranharam e que nos oferece, como especiarias que nos vão ajudar a potenciar e a saborear a caminhada da nossa própria vida.

Quantas vezes nos sentimos embotados pela previsibilidade e pela rotina... fruto da letargia que se abate sobre o sedentário... Viajar requer todos os sentidos alerta... sair da zona de conforto leva ao despertar da consciência. A voragem da vida e a monotonia da escorrência do tempo podem desbotar a unicidade da nossa existência na mole da grei, atenuar a nossa singularidade no Universo. É preciso desenraizarmo-nos e soltar as amarras, voltar a sentir o abismo da nossa solidão, gritar a nossa mónada e seguir o vento... enfim, existir. É este convite à vida que perpassa todo este livro.

Andar, andar sem fim, pode conduzir ao transe da viagem. Os bosquímanos do Kalahari atingem estados alterados de consciência como consequência das grandes caminhadas que efectuam. Romeiros

e peregrinos relatam também o êxtase que alcançam frequentemente ao longo dos seus périplos. É bem conhecido o antigo adágio iniciático de que o «caminho faz-se a caminhar». Lembro também outro adágio, desta vez de Santo Agostinho: «Não faças demasiados planos para a vida, porque podes estragar os planos que a vida tem para ti». Aqui, quase podemos antever o mundano Sancho Pança e o etéreo Dom Quixote a caminhar para a estalagem sob forte tormenta. Às sucessivas queixas do fiel escudeiro, retrucou Dom Quixote: «Sancho, o importante não é chegarmos à estalagem... o importante é irmos a caminho da estalagem.»

Como bem o entendo... O dia mais importante da viagem é o dia da chegada.

Nas minhas viagens, tenho o hábito de, no último dia, enviar um postal para mim próprio que invariavelmente começa com um: «Olá, eu...», talvez para que o eu que eu era possa integrar o eu transformado que regressa.

Este livro é feito de várias histórias e textos que se cruzam e interpenetram, o seu conceito de identidade remete-nos para uma das cidades descritas por Italo Calvino em *As Cidades Invisíveis*. Nessa cidade, os habitantes, nas suas idas e vindas dos seus afazeres quotidianos, iam desenrolando uma meada de fio de lã, sempre que se cruzavam com alguém cruzavam os fios que cada um levava, e assim ao longo dos anos. Muito tempo depois, a cidade ficou deserta, mas o emaranhado dos seus fios entretecidos continuava a juncar toda a cidade e, dessa forma, a identidade do que fora a cidade, a sua cultura e história continuavam perenes e bem vivas neste mundo... Assim é para mim este livro.

Percorrer as páginas de *Jalan jalan* é como percorrer uma escadaria de Escher em que vários lanços de escada se entrecruzam, mas sempre em níveis diferentes... como que espiralando níveis de consciência. Em que nada é absoluto e tudo é relativo.

PEDRO MOTA
Astrofísico e viajante

Pai-Nosso para casamento hindu

Num aeroporto em Nova Iorque, umas freiras brasileiras pediram-me que as ajudasse a carregar as malas. Ajudei de pronto e rapidamente se percebeu que elas, as irmãs, teriam outro tipo de problemas: não falavam uma palavra de inglês, nenhuma das sete. Estavam apenas em trânsito, mas eram obrigadas, apesar disso, a pedir um visto e a preencher os respectivos papéis. Iam de Roma para São Paulo.

Fui ajudando como podia, preenchendo papeladas, traduzindo isto e aquilo. Mais de três horas com burocracias, perguntas e carimbos.

O funcionário da alfândega era um jovem indiano, sem grande fluência no inglês. Com ele trabalhava uma rapariga, também indiana. Passado pouco tempo, ele confidenciou-me:

— Quero casar com ela, mas os pais não deixam. Castas diferentes. Gostaria que pedisse às freiras o favor de rezarem por mim, para que nos possamos casar, eu e ela.

Acedi, pois achei que aquele era um projecto com algum relevo: levar um deus profundamente católico a realizar um casamento hindu. Pedi então às religiosas, depois de explicado o caso, para intercederem junto do Criador do Universo a favor do empregado da alfândega. As freiras ouviram-me com atenção, todas juntas à minha volta, enquanto eu lhes traduzia a petição.

— Mas ele também tem de rezar, não somos só nós — disse uma delas, a mais velha.

Comuniqui, então, ao futuro noivo, que o Senhor Deus gostaria de ouvir também as suas preces, que só as orações das freiras não chegavam.

— Isso não é problema nenhum. Vou muitas vezes rezar a igrejas — disse-me ele.

Perguntei-lhe se não era hindu.

— Sou, mas rezo em qualquer templo. Deus está em todo o lado. Às vezes vou a pagodes, às vezes a mesquitas, outras a igrejas.

Fui ter com as freiras, satisfeito com a resposta. Tudo parecia resolvido, agora era só rezar e esperar a intervenção dos Céus. O jovem casal estava esperançado.

— Não chega que reze — disse a mais velha das irmãs —, tem de se converter.

As outras freiras, no entanto, estavam contentes com o acordo: elas rezariam por um lado, ele por outro; far-se-iam ouvir. A excitação tomou conta delas, falavam ao mesmo tempo, sobrepunham as vozes, riam e acenavam para os futuros marido e mulher. A irmã mais renitente reconsiderou a sua posição, sem deixar de insistir:

— Nós vamos rezar por eles, para que se casem. Mas diga-lhe que tem de se converter. É melhor.

O funcionário hindu agradeceu quando lhe dei a notícia. Os trâmites necessários para que o Eterno tomasse esse casamento em consideração haviam sido tratados. Os outros, os da alfândega, também estavam resolvidos, por isso despedimo-nos do casal de indianos. Estava toda a gente feliz, tudo cheio de sorrisos.

De uma das janelas do aeroporto, vimos chegar o avião que levaria as freiras a São Paulo. A irmã mais velha reparou no nome da aeronave: *Nossa Senhora Aparecida*.

— Eu não vos disse? A mãe de Deus está sempre a velar por nós, tem estado sempre connosco desde o início da viagem. Até nos enviou um anjo — referia-se a mim e agarrava-me pelo braço — para nos ajudar.

Da mala, tirou uma medalhinha de Nossa Senhora:

— Foi benzida pelo Papa — esclareceu a freira enquanto ma oferecia.

Viagem circular de um radiologista

«É surpreendentemente difícil apontar exactamente o que faz com que aquelas linhas [da arte abstracta] sejam diferentes das linhas que outra pessoa qualquer possa desenhar. Mas há efectivamente uma diferença. Há algo na sua fluidez ou composição ou forma que leva milhões de nós a galerias de arte moderna para vermos pinturas abstractas como as de Rothko e Kandinsky. De alguma maneira, eles conseguiram compor formas e pinceladas em imagens que produzem em nós uma ligação significativa e profunda, sem que percebamos como. A verdade é que a arte abstracta é um pouco misteriosa; confunde-nos anulando o pensamento racional, jogando com ele, se acreditarmos que pinturas e esculturas necessitam de uma narrativa.»¹

Qual é a diferença entre um desenho de uma criança ou de um leigo, seja abstracto ou uma representação distorcida, e uma obra de arte moderna, a que se refere o texto acima? A grande diferença é o retorno em espiral. O que cria uma estranha harmonia identificável e dá significado imanente ao que vemos é o facto de ter uma raiz, um lado invisível, uma seiva. O artista que aprendeu a desenhar para depois se abstrair das formas acabará por se manifestar sensivelmente de um modo não

1

What Are You Looking At?, Will Gompertz, Penguin (tradução do autor).

figurativo, apresentar essa estranha harmonia que o espectador reconhece na obra (antes de aprender zen, uma montanha era uma montanha. Quando aprendi zen, uma montanha deixou de ser uma montanha. Agora que sei zen, a montanha voltou a ser uma montanha). No livro *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, um radiologista tem a pintura como passatempo. Não tendo as suas obras uma grande qualidade artística, o protagonista fica impressionado pela maneira como a pele de uma mulher é representada, com um «realismo» inusitado. Tenta perceber o motivo dessa sensação. O radiologista explica que, conhecendo a pele em todas as suas camadas, por motivos profissionais, é assim que a pinta: começa pela camada mais profunda, e vai pintando as outras até chegar à mais superficial, a que vemos no dia-a-dia. E por ter essas camadas invisíveis, mas que fazem parte da construção da pele humana, a sua representação provoca no fruidor a ideia de «realismo». Assim, também uma expressão abstracta terá por baixo a camada que lhe confere «realismo». Mas essa profundidade só é possível depois de uma viagem e respectivo retorno, e não é acessível à maioria dos leigos, especialmente aos que exclamam diante de uma pintura moderna: Isso eu também fazia.

Picasso tem uma frase famosa que resume um pouco este percurso hegeliano: Levei anos a pintar como Rafael e uma vida inteira a pintar como uma criança. O que é essencial nesta frase é que para se pintar como uma criança (mas não fazendo desenhos infantis ou de criança) foi preciso ter passado pela «fase Rafael». Só depois de perceber as técnicas de luz, perspectiva, naturalidade, somos capazes de nos libertar e pintar com a plasticidade e expressividade da criança. A aprendizagem é este percurso em espiral, não de um retorno ao mesmo lugar de origem mas a uma superposição.

Da mesma maneira que tentamos alcançar ou voltar a ter a expressividade de criança, a história da arte fez uma viagem semelhante. Depois de chegar à sua «fase Rafael», ao perfeito domínio da luz e da perspectiva no Renascimento, acabamos por retornar à origem, ainda que numa superposição: muitos modernistas, e neles se inclui Picasso, inspiraram-se precisamente na arte primitiva.

Voltar à infância é a única maneira de alcançar a maturidade.

Queijo de ovelha curado para uma amante indígena

Fui, acho eu, um pioneiro: a primeira pessoa a levar queijos secos de Évora (de ovelha) para a selva boliviana.

— Tens uma lanterna? — perguntou-me o Alberto, umas horas depois de termos saído da reserva.

Era um índio chimane das terras baixas da Bolívia. Falava espanhol, não tinha dentes à frente, e levava-me até ao acampamento mais próximo.

— Não — respondi eu. Estávamos na estação seca e havia muito pouca água, apesar de ser uma zona pantanosa. A noite derramava escuridão por todo o lado e a lua ainda não tinha saído.

— A lua sai muito tarde — disse o Alberto.

Foi junto à reserva, na periferia, numa aldeia de índios sedentarizados, que uns dias antes conhecera o Alberto. Quando cheguei a essa aldeia, as crianças correram ao meu lado, riram-se e chamaram-me gringo (ao contrário das crianças do acampamento para onde ia, que se escondiam). Um rapaz novo veio ter comigo, sorridente, e cumprimentou-me. Não tinha mão, por isso apertei-lhe o coto quando ele mo estendeu. Apontou-me para uma cabana, quando lhe disse o que pretendia. O Alberto, que me iria levar ao acampamento chimane, chegaria em breve. Conversámos sobre o Sánchez, um boliviano que jogava no Boavista.

— É o melhor do mundo naquela posição — afirmou o homem. — É bom, não é?

— É bom — concordei, mas sem abraçar exageros.

Também falámos de religião. Ele disse ser cristão e eu perguntei-lhe sobre a religião dos Chimane.

— Os Chimanes são cristãos — assegurou.

— Sim, mas e antes disso?

— Sempre foram cristãos.

Dias depois, estava a caminhar sem lanterna, guiado pelo Alberto, em direcção ao acampamento. Não se via rigorosamente nada além de um braço estendido, por vezes nem o vulto do Alberto, difuso, se via. Sentíamos os vampiros, às centenas, ouvíamos o roçar das asas, perto, a desviarem-se. Estava tudo entrevado, era como ter os olhos vendados com noite, por isso decidimos parar. O próprio chão parecia o céu, em baixo estava tudo tão escuro como em cima, como diria o Trismegisto.

Sentámo-nos.

— Canta aí qualquer coisa — sugeriu ele.

— É melhor cantares tu, Alberto.

Minutos depois, quando olhei à minha volta, as estrelas moviam-se, o Alberto cantava, as estrelas apagavam-se, o Alberto cantava, as estrelas acendiam-se. Eram milhares de pirilampos, como uma tempestade de sóis distantes. Tudo à volta parecia céu, em cima, em baixo, dos lados, tudo cheio de luzes, estrelinhas frenéticas por todo o lado. Há uma lenda índia que diz que os pirilampos são estrelas. Nessa noite percebi porquê. As estrelas paradas no fundo, na abóbada celeste, têm exactamente o mesmo tamanho e a mesma luminescência dos insectos. Senti-me um astronauta a caminhar pelo espaço, rodeado de estrelas que dançavam.

No dia seguinte recomeçámos a caminhada. Ele à frente, eu atrás. Estava muito calor e eu não levava água. Atrás do Alberto ia uma nuvem de mosquitos, como as estrelas da noite anterior.

Imagino que atrás de mim também. Alguns eram tão grandes que picavam através da camisa. Quando, por fim, encontrámos qualquer coisa que parecia potável aos olhos do Alberto, ele acorrou-se e bebeu uns tragos. Eu olhei para o que me parecia uma poça de água escura, anoitecida pela lama, e desconfiei da salubridade.

— Como é que se sabe se a água é boa?

— Se não estiver parada é boa — respondeu ele.

Mais parado do que aquilo era difícil. Ele, talvez para me mostrar que as águas mexiam, abanou-as com a mão. Teve como efeito afastar um pouco o castanho que as tornavam opacas e espessas. Continuei o caminho com sede. A única coisa que bebi nesse dia foi o sumo de uma toranja (senti-me a espremer o Sol) que colhi junto da cabana de uma índia que vivia a meio caminho, entre a reserva e o acampamento para onde nos dirigíamos. No dia seguinte, esqueci-me de que era um europeu na Bolívia, e bebi água, daquela que era suposto não estar parada, mas que eu nunca vi mexer.

Abrimos uma lata de atum e comemos com pão. Tirei um queijinho de ovelha da mochila. Estava lá há quase um mês, conchegado, mas aguentava-se, numa daquelas bolsas laterais, embrulhado em papel de cozinha para não engordurar as coisas. Cortei-o em fatias e dividi pelos dois. O Alberto exultava com o queijo.

— É de Évora — disse-lhe eu.

Como ainda tinha outro queijo, dei-lho. Ele ficou muito contente.

Iria oferecê-lo a uma amante, confessou-me.

Absurdo

Todas as teorias têm a possibilidade de ser levadas ao absurdo. Mas só algumas alcançam essa glória.

\ **VER** \ *ALEA JACTA EST* **63** \ CORRIGIR, CORRIGIR, CORRIGIR **102** \ PARA LÁ DAS
POSSIBILIDADES **168** \ PARA SER MAIS PRECISO, ÍTACA **395** \ NO FUNDO,
UM POEMA **520** \ ATIRAR-SE AO MAR **552**

Memento mori

No livro ilustrado para crianças, *Rosie's Walk*, de Pat Hutchins, há uma galinha que decide passear. Logo na primeira imagem vemos uma raposa escondida. Em termos narrativos já temos tensão. Uma vez o Manuel António Pina disse-me que um gato deitado no tapete não era uma história, mas um gato deitado no tapete do cão, sim.

A galinha — que sem se aperceber é perseguida por uma raposa — representa a vida, a nossa vida, já que somos sempre perseguidos pela morte, e, esquecidos dessa permanente ameaça, não nos apercebermos da quantidade de vezes que escapámos às suas garras. Ao caminhar pelos prados, por mais prazerosa que seja a actividade, há sempre uma raposa à espreita. *Rosie's Walk* é um *memento mori* (recordação da nossa mortalidade) para crianças.

No século XVI era comum ter na secretária representações de corpos em decomposição, com a função de colocar a nossa práxis, os nossos gestos e conduta em perspectiva, fazer-nos mais humildes e conscientes da efemeridade da vida, colocar-nos em perspectiva (o Talmude diz-nos que Deus criou a formiga antes do ser humano para nos mostrar humildade. Apesar de, curiosamente, propor uma hipótese antagónica: assim como preparamos tudo para a chegada do convidado principal, Deus teria preparado o mundo, a natureza e todas as criaturas para receberem o ser humano). A constante presença

de um *memento mori* obrigava-nos a questões do tipo: será que determinada acção ou preocupação vale a pena quando confrontada com a morte?

Alguns destes *memento mori* eram à escala humana. Uma das esculturas mais impressionantes é a de René de Chalon, um príncipe francês. A estátua, esculpida por um discípulo de Miguel Ângelo, Ligier Richier, e que terá sido encomendada pela mulher de Chalon ou pelo próprio, é a representação de um corpo em decomposição, esqueleto, pele, órgãos, músculos, que, numa posição grandiosa e com o braço esquerdo erguido, exhibe o coração, o próprio coração de René de Chalon.

Outros *memento mori*, mais portáteis, foram relativamente comuns até ao século XIX.

Epicuro dizia que a morte não existia e argumentava mais ou menos assim: Quando estou vivo, ela não existe para mim, e quando morrer, ela não existirá, pois não estarei cá para a ver. Empédocles partilhava uma opinião idêntica e dizia que a vida e a morte são a mesma coisa. Um dia perguntaram-lhe: Se são a mesma coisa, porque não te matas? Empédocles respondeu: Porque seria a mesma coisa. Apesar dos malabarismos e das batotas intelectuais que criamos para lidar com a morte, a verdade é que nem todos temos o estoicismo de um Epicteto, e a fatalidade da sua existência continua a provocar horror. Contudo, o facto de estarmos cientes da nossa própria efemeridade dá-nos a urgência de agir. O *memento mori* segreda-nos qual o sentido da vida. Num conto de Borges, um homem cai num buraco, numa terra de imortais, e ninguém o salva porque para eles é igual, poderiam fazê-lo um século depois ou um milénio depois. A urgência que a morte coloca nas nossas

acções dá-lhes sentido, e este ser-para-a-morte heideggeriano permite-nos uma vida autêntica.

Há (ainda há) pessoas ou objectos por quem somos capazes de dar a vida, de nos sacrificarmos. Os Tártaros diziam preferir ir para o Inferno se não os deixassem entrar no Paraíso com os seus cavalos. Nesta tão propalada crise de valores, a busca de sentido para uma vida que foi levada ao niilismo ganha novos contornos. Por um lado, a vida anestesiada que levamos sentados em cadeiras giratórias ou em sofás colocamos perante um cenário em que tudo nos parece relativo e não há causas que mereçam o nosso esforço, e do outro lado desta desoladora ausência de ideais ficam os fundamentalismos mais aberrantes que dão a ilusão de sentido a jovens confusos.

É pela ferida que entra a luz

Jalal ad-Din Rumi morreu em Konya, na Anatólia Central, no dia que ficou conhecido por Shebi Arus (dia do casamento), o dia em que o poeta se juntou a Deus, o dia da transformação final. Anualmente, pessoas de todo o mundo dirigem-se a esta cidade para ver a dança sagrada mevlevi, ordem fundada por Rumi, o poeta que queria cantar como os pássaros cantam, ou seja, sem se importar se alguém os ouve.

À entrada do recinto, já sabia que não haveria nem lugares nem bilhetes, estava tudo esgotado há meses. Mas tentei, apesar disso, explicar a minha situação ao porteiro: que tinha vindo de Portugal, de propósito, para ver os dervixes dançar. O porteiro não se comoveu, disse que não, disse que não havia lugares. Eu insisti. Um polícia, do outro lado, reparou em mim e chamou-me. Tirou o porteiro do caminho e fez-me entrar e esperar. Estava a falar ao telefone. Tinha havido um terramoto a uns duzentos quilómetros dali.

— Grande? — perguntei.

— Não. Cinco e meio.

Perguntou-me o que é que eu queria e eu disse-lhe que queria ver os dervixes dançar.

— Ainda falta mais de uma hora.

— Eu sei — respondi —, é que não tenho bilhete...

— Não há problema.

Subimos umas escadas e ele comprou chá a um homem que o vendia. Ofereceu-me um copo. Ficámos a conversar e ele

ofereceu-me um cigarro e mais chá. Eu aceitei e fomos falando de política, sobre o estrangeiro, sobre diferenças. Ofereceu-me mais um cigarro. A namorada dele vivia no Sul, e ele queria, o mais depressa possível, juntar-se a ela e casar. Era mais novo do que eu, e chefe da polícia de Konya. Quando os dervixes começaram a dançar, pôs-me junto aos repórteres, no melhor lugar de todo o recinto.

Os dervixes rodopiaram, com caras de êxtase e passos geométricos, perfeitos no modo como se moviam. Podia ver os versos de Rumi nas suas cabeças inclinadas: «Quando estás comigo, fico acordado toda a noite. / Quando não estás, não consigo dormir. / Louvado seja Deus por essas duas insónias / e a diferença entre elas». Para os mevlevi, dançar é uma forma de rezar, a mais eficaz, a mais milagrosa, pois é feita com o corpo todo a desenhar o modo como Deus caminha, aos círculos. Perguntei, mais tarde, a um dervixe que era vendedor de tapetes: como é que é possível rodopiar assim, sem cair completamente tonto. Explicou-me que demorava seis meses até o conseguirem. O início não é nada fácil, disse-me ele, mas é pela ferida que entra a luz. Frase que, mais tarde, percebi ser da autoria de Rumi, o Mevlana.

Quando os dervixes acabaram de dançar, estava o polícia à minha espera.

Fomos para a esquadra. Apresentou-me aos outros polícias, perguntou-me se queria ver os calabouços.

— É melhor não.

— Podes dormir aqui, se quiseres, numa cela.

— Obrigado, mas acho que prefiro o hotel — respondi eu.

Continuámos a beber chá, eu e os vários polícias da esquadra de Konya, à volta da secretária do chefe, encimada

Jalan jalan

O mundo, dizem, é um livro. E um livro também pode conter o mundo.

Partindo das suas muitas viagens, Afonso Cruz apresenta neste volume a sua leitura do mundo, um passeio que nos leva a lugares tão diversos como a geografia, a arte, a ciência, a filosofia e a literatura. Partilhando com o leitor as suas experiências, sugere que façamos com ele percursos idênticos, bastando, para isso, dar «um passo para o lado ou usar a imaginação». O resultado poderá ser, se aceitarmos o convite, uma nova visão do mundo.

«Muitas das minhas viagens começaram pelos livros. Foram caminhos que saíram das folhas e se prolongaram para lá das estantes, das paredes da biblioteca. A viagem foi, de certo modo, uma corroboração da literatura, uma experiência diferente daquela que havia feito enquanto lia. Curiosamente, muitas vezes ela culmina na escrita, já que depois da viagem há o desejo ou a necessidade de solidificar a experiência, torná-la um objecto partilhável, materializar emoções, afectos, pensamentos, enfim, fazer da viagem um espaço imutável, parado, mas acessível aos outros, que com a sua própria experiência farão da leitura uma forma de viagem.»



COMPANHIA DAS LETRAS

«Apesar da beleza da paisagem, dos campos de arroz, do verde omnipresente, dos templos hindus, dos macacos zangados, uma das melhores coisas que trouxe de Bali foi uma oferta do João, que embrulhou e me ofereceu uma palavra, talvez duas: *Jalan* significa rua em indonésio, disse-me. Também significa andar. *Jalan jalan*, a repetição da palavra, que muitas vezes forma o plural, significa, neste caso, passear. Passear é andar duas vezes. (...) Passear é o que fazemos para não chegar a um destino, não se mede pela distância nem pela técnica de colocar um pé à frente do outro, mas sim pelo modo como a paisagem nos comoveu ou como o voo de um pássaro nos tocou. É um pouco como a arte, tem o valor imenso de tudo aquilo que não tem valor nenhum. Pode não ter razão, destino, objectivo, utilidade, e é exactamente aí que reside a riqueza do passeio. Não existem profissionais do passeio. Chesterton, que era um grande apologista do amador, dizia que as melhores coisas da vida, bem como as mais importantes, não são profissionalizadas. O amor, quando é profissionalizado, torna-se prostituição.»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [companhiadasletrasportugal](https://www.instagram.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN: 978-989-589-175-7



9 789895 891757